

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Administração: Apartado, 23 — BRAGA

Director e Administrador: JÚLIO HILÁRIO VAZ

AVENÇA — Custo da Assinatura Anual: 40\$00 — Estrangeiro 80\$00 * ANO XXV — N.º 475 — Melgaço, 15 de Junho de 1971 * Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Telex: 22455 - Braga

OS PASSAPORTES DOS PADRES

Na secção «Religião e Vida» do «Jornal de Notícias» publicamos, a propósito do projecto de Lei sobre «Liberdade Religiosa», que o Governo enviou à Assembleia Nacional, uma série de artigos, o último dos quais (12) era este:

«Já que o Governo levou à Assembleia Nacional o tema da liberdade religiosa, queremos assinalar um facto juridicamente público que nos parece em contradição com a vontade do poder civil agora expressa em documento escrito. E também contra a lei vigente.

O problema é este: nos distritos de Braga e Viana do Castelo, o padre tem os seus direitos civis coarctados. Assim, não pode tirar o seu passaporte sem licença do bispo, pois que assim lhe é exigido.

Qual a razão legal de tal procedimento, que inferioriza o padre na sua dignidade de padre e, ainda, como homem e como cidadão?

A exigência será consequência de pedido do bispo da diocese? Mas quem conferiu à autoridade religiosa capacidade para interferir em problemas civis?

O funcionário público não carece de licença para requerer o seu passaporte; carece de licença apenas para se ausentar da, ou do estrangeiro. O padre, para sair da sua paróquia, tem de pedir licença ao bispo, caso exceda o tempo prescrito pelo Código de Direito Canónico e pelo Concílio Plenário Português. Pois nos distritos de Braga e Viana, o padre nem tem os direitos de qualquer cidadão, nem os do funcionário público, a fim de obter o seu passaporte legalmente.

Temos sob os olhos uma licença passada pela Secretaria Arqueiepiscopal, a qual reza assim: «Declaramos, para os devidos efeitos, que F. . . , sacerdote desta Arquidiocese de Braga, não tem por parte desta Secretaria Arqueiepiscopal qualquer óbice a que adquira passaporte para os países permitidos por lei».

Neste documento, que tem a data de 30 de Abril de 1970, a Secretaria Arqueiepiscopal arroga-se direitos que são da competência exclusiva do poder civil. Mais. Está em contradição flagrante com a doutrina expressa pelo Vaticano II, segundo a qual «a doutrina da liberdade religiosa tem como consequência a renúncia por parte da Igreja ao uso da coacção jurídico-política do Estado para impor aos fiéis a observância da disciplina da Igreja».

Tratando-se, pois, de um abuso de poder, o Governo deve eliminá-lo sem demora. Doutra forma, o padre, para ser um cidadão com direitos iguais a qualquer cidadão português, terá de pedir a redução ao estado laical. Pelo menos... em Braga e Viana».

O artigo foi publicado em 5 de Fevereiro de 1971.

Quais as reacções?

— Teve larga repercussão nos órgãos de informação, incluindo a Rádio; e

— das entidades responsáveis pela questão da «licença do Bispo», para os passaportes dos padres nenhuma se pronunciou oficialmente contra o que escrevemos e documentamos.

Por via particular (1), em carta, o Secretário do Governo Civil de Braga confirmou o que eu havia escrito e fez-lo desta forma bem clara: «Quanto à exigência de informação favorável, do Paço, para a concessão de passaportes de «turismo», para sacerdotes e religiosos, posso dizer a V. Ex.ª que, quando tomei posse deste cargo, de Secretário do Governo Civil, já ela existia, no Governo Civil de Braga.

Nessa altura (e já lá vão quase 13 anos e meio, pois fui empossado em 31 de Outubro de 1957) estranhei essa exigência, por não conhecer, na Lei, nada que a tal se referisse expressamente».

De modo que, de harmonia com as palavras do Secretário do Governo Civil de Braga sem «informação favorável», do Paço, que era exigida, não se concedia o passaporte aos padres.

O Secretário Geral chama, a esta exigência, «informação», e os funcionários, «licença»...

Como entre o que escreve o Secretário Geral — «informação favorável do Paço para a concessão de passaportes» — e o que eu escrevi — «Assim não pode tirar o passaporte sem licença do bispo, pois que assim lhe é exigido» não há distinção quanto

(Continua na 4.ª página)

O Santo da Quinzena

S. Paulino, Bispo de Nola

Pela Irmã
MARIA DOS ANJOS

Natural de Bordeus, filho de família senatorial, rica, anti-quíssima, Paulino recebeu uma educação esmerada e teve por mestre o célebre Ausónio, que introduziu o discípulo nos arcanos da poesia e retórica. Quando Ausónio foi chamado a Roma, para ocupar o lugar de mestre de estudos do imperador Graciano, Paulino acompanhou-o e, apesar de ter apenas 25 anos, sua eloquência alcançou triunfos tais, que lhe foi conferida a dignidade de Cônsul. Contrau matrimónio com Tarásia, de nacionalidade espanhola, senhora igualmente dotada de bens espirituais e materiais. Paulino possuía

(Continua na 4.ª página)

DR. P.º ANTÓNIO ESTEVES

Em companhia dum seu professor da Gregoriana, parte brevemente para o Brasil, aonde vão realizar um trabalho da sua especialidade, sociologia, o nosso bom amigo e conterrâneo, de Rouças, Dr. P.º António Esteves. Boa viagem e feliz regresso.

Por Santa Rita

- Uma grande jornada!
- Milhares deromeiros!...
- Num dia de semana!...
- Com a bênção do nosso Prelado!
- A presença do Sr. Vigário Geral!...
- 65.000\$00, de ofertas!

Depois do que vimos, nesta grande festa de Santa Rita, cumpre-nos dar graças a Deus, por intermédio de Santa Rita.

Mas que bela jornada! De fé, piedade, devoção, Sua Ex.ªcia o Senhor Vigário Geral ficou surpreendido com o respeito, o silêncio, o fervor eucarístico da nossa boa gente do Alto-Minho.

Os povos de Tangil, Ribã do Mouro, Valinha, Podame, Valadarez, ect., deram-nos em tudo isto, um contributo substancial. E a voz de alguns sacerdotes foi: — não deixem estragar isto.

A Novena decorreu sempre num ambiente de muito respeito. Os dois últimos dias foram muito lindos, com o belo tempo que o Senhor nos mandou e a multidão deromeiros que aqui ocorreu.

As procissões de domingo e segunda, foram imponentes. Houve dois leilões, muito animados, feitos de ouro e carnes e os amigos de Santa Rita, trouxeram-nos 65.000\$00. Muitas sobretudo, as comunhões.

Mas tivemos nesse dia uma grande alegria: — Sua Ex.ªcia Rev.ª o Senhor Arcebispo esteve presente num seu qualificado representante oficial, o Senhor Cônego Carlos Pinheiro, estimado Vigário Geral da Arquidiocese. No fim da Santa Missa,

(Continua na 6.ª pág.)

O novo Patriarca de Lisboa foi cumprimentado pela CASA DO MINHO

Lisboa, 20 de Maio de 1971

A Direcção da Casa do Minho, que tinha solicitado uma audiência ao senhor D. António Ribeiro com o fim de serem apresentados os cumprimentos daquela instituição regionalista pela sua elevação a Patriarca de Lisboa, foi recebida pelo ilustre Prelado na sua residência no dia 18.

Usando da palavra, o presidente da Direcção sr. Artur Maciel, começou por agradecer a benevolência com que o Sr. D. António tão prontamente se dispusera a receber os representantes da Casa do Minho, facto deveras penhorante para a colectividade. Manifestou, a seguir o seu regozijo e o de quantos o acompanhavam pela escolha e distinção que recaíra sobre o ilustre Prelado, regozijo de que, sem dúvida, participavam todos os católicos minhotos.

Evocou então as figuras dos Patriarcas D. Frei Francisco de S. Luís, D. Manuel Gonçalves Cerejeira e, também D. Manuel

Bento Rodrigues, para lembrar que as terras de Entre Douro e Minho tinham já uma honrosa tradição no Patriarcado de Lisboa. «Seria sempre de enorme satisfação para nós — disse — a escolha de V. Ex.ª Rev.ª dada as altas virtudes e méritos de alma e de espírito, que na sua pessoa se reúnem. Mas o nosso regozijo viu-se acrescido pelo facto de continuar a ser minhoto o novo Patriarca de Lisboa». Recordou ainda o conhecimento de todo o País, durante vários anos, da palavra e do pensamento lúcido e claro, douto e persuasivo, de D. António Ribeiro e, depois de uma breve análise à época de renovação que a Igreja atravessa, terminou por manifestar a confiança que era devida ao novo Patriarca e por fazer votos de que seja longo e venturoso o seu patriarcado.

Ao agradecer as palavras que lhe haviam sido dirigidas, o Sr. D. António Ribeiro disse da sua alegria e satisfação em receber os dirigentes da Casa do Minho, província não só de onde era natural, mas em que estudou e professou, onde fez doze anos de bispado servindo com muita honra a velha arquidiocese bracarense.

Em termos de transparente afecto, declarou ainda conhecer bem a dedicação dos minhotos à Igreja, com os quais nunca deixaria de contar. E salientou uma nota pessoal, que muito especialmente o sensibilizara no Minho, e foi a maneira sempre carinhosíssima como ali havia sido acolhido. Por fim, o novo Patriarca de Lisboa renovou os seus agradecimentos por aquela visita de cumprimentos que guardaria no coração entre as que mais podia estimar.

(Continua na 6.ª pág.)

Dr. P.º Carlos Nuno

No passado dia 29 concluiu a sua formatura na Universidade Gregoriana, o nosso conterrâneo e colaborador, P.º Carlos Nuno Salgado Vaz.

Os membros do Juri elogiaram o seu trabalho. Todos os seus companheiros, que assistiram às provas, tomaram parte num jantar, a que assistiu o Director da Tese, e o grande teólogo Dr. Chenu, de renome internacional, saudou-o vivamente.

Um belo fim de seus trabalhos escolares. Pena é que só o tenhamos aqui, lá para Setembro.

Ao Dr. P.º Carlos Nuno, o nosso abraço e as saudações de todos os seus amigos e admiradores.

Várias Notícias da Vila

Aniversários — No dia 29 p. p., festejou o seu aniversário natalício, a sr.ª D. Maria Fernanda Rodrigues Gonçalves, esposa do nosso assinante, sr. Manuel José Lopes Gonçalves, residentes na freguesia de Paderne.

— No dia 28 p. p., festejou o seu aniversário natalício, o sr. Manuel Gísteira Rego, que teve a gentileza de oferecer um fino beberete a vários seus amigos na «Casa Chiquera» desta vila.

Ao amigo Manuel, desejamos muitas felicidades, longa vida e os nossos parabéns.

— Também no passado dia 30, festejou o seu aniversário, a nossa conterrânea menina, Maria Helena Ferreira do Paço, residente em MONTCHANIN (França).

— Ainda no dia 30 p. p., festejou também o seu aniversário natalício, a sr.ª D. Maria de Fátima Horta Rego Ferrão de Carvalho, esposa do sr. Mário Acácio Ferrão de Carvalho, residentes no Porto.

Por tal motivo desejamos a todos os aniversariantes, que tão felizes datas, se repitam por muitos anos e os nossos parabéns.

Luis Gomes — De visita, esteve entre nós, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Luis Gomes, conceituado comerciante em Vila Praia de Ancora. Os nossos cumprimentos.

D. Maria Arlete Ferreira Mesquita — Para junto de seu marido, partiu há dias para a cidade do Lobito (Angola), a nossa conterrânea e estimada assinante, sr.ª D. Maria Arlete Ferreira Mesquita.

Desejamos que tivesse feito boa viagem.

Artur da Silva Cintrão — Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Artur da Silva Cintrão, residente em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Manuel José Lopes Gonçalves — De visita, tivemos o prazer de ver nesta vila, o

nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel José Lopes Gonçalves, Cabo Miliciano, em serviço no Quartel de Cavalaria n.º 6, da cidade do Porto, na Especialidade de Reconhecimento Geral, daquela unidade.

Os nossos cumprimentos.

António Augusto Esteves — Esteve nesta vila, de visita a seus familiares, o nosso assinante, sr. António Augusto Esteves, residente e Saint Quentin (França).

Os nossos cumprimentos.

Gasamento elegante

Na Igreja Matriz desta Vila, realizou-se no passado dia 6, com toda a sumptuosidade, o enlace matrimonial da nossa conterrânea, menina Maria Raquel Mendes de Sousa, filha do sr. Alberto Barros de Sousa e da sr.ª D. Virgínia Sousa Mendes, proprietária da conceituada «Pensão Minhota», desta localidade, com o sr. Artur Anselmo Silva, natural de Monção, filho do sr. Mário Ferreira da Silva, funcionário da Câmara Municipal de Monção e da sr.ª D. Diana da Silva.

Foram padrinhos, por parte da noiva, o sr. Manuel Lourenço Lima Junior, funcionário dos C. T. T. e sua esposa sr.ª D. Julieta Gil Lima e, por parte do noivo, o sr. Adão da Silva e sua esposa sr.ª D. Aurora Lopes Soares, de Monção.

No fim do acto, que foi presidido pelo Rev.º Sr. Padre Justino Domingues, o cortejo nupcial dirigiu-se para a casa dos pais da noiva, onde foi servido um lauto e bem requintado almoço a cerca de cem pessoas, tendo-se brindado pelo gentil casal.

Aos noivos, que são dotados das melhores qualidades, simpatia e que seguiram em viagem de núpcias para o sul do país, desejamos as maiores felicidades e uma perene lua de mel.

A. L. P.

António Afonso do Paço

— De passagem, esteve entre nós, o distinto jornalista do Alto Minho, sr. António Afonso do Paço, de Viana do Castelo. Apresentamos os nossos cumprimentos.

Dr. Júlio Pires — Acompanhado de sua mãe, sr.ª D. Idalina Correia Pires, nossa estimada assinante, tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso conterrâneo, sr. Dr. Júlio Pires, funcionário da firma «Araújo & Sobrinho», da cidade do Porto.

Os nossos cumprimentos.

Engenheiro José Joaquim Alves — De visita a sua irmã, sr.ª D. Maria de Lurdes Alves, nossa estimada assinante, encontra-se a passar férias, o nosso ilustre conterrâneo, sr. Engenheiro José Joaquim Alves, acompanhado de sua Ex.ª Esposa, sr.ª D. Deolinda Ferreira Alves, residentes na cidade da Beira (Moçambique).

Ao sr. Engenheiro José Alves e Esposa, apresentamos os nossos cumprimentos.

Voluntários para a Marinha — Na Escola de Marinheiros, no Alfeite, prestaram há dias provas de exame como voluntários, dois jovens nossos conterrâneos, tendo obtido alta classificação.

São eles, José Carlos da Costa Velho e Henrique José Bermudes.

Estes jovens são incorporados no dia 7 de Julho próximo. Desejamos-lhes felicidades e os nossos parabéns.

Jantar de homenagem

Por várias pessoas desta Vila, foi oferecido no passado dia 3, um jantar de homenagem e despedida, que se realizou na «Pensão Internacional», desta localidade, ao sr. Sargento Ajudante da Marinha, Alfredo Gonçalves Fernandes, que durante cerca de dois anos, comandou com muito zelo e competência o Posto de Fiscalização de Pesca desta Vila, onde agora, a seu pedido, foi transferido para Lisboa, sendo colocado no grupo n.º 2 das Escolas da Armada. Ao repasto assistiram cerca de vinte pessoas, a que aquele nosso amigo dedicou sempre toda a amizade e consideração.

Conhecemos o sr. Alfredo Gonçalves Fernandes, durante a sua permanência na nossa terra, onde deixou forte amizade, de homem compreensivo e sempre amigo do seu amigo.

Aos brindes usaram da palavra os srs. Alfredo Lourenço do Paço, nosso correspondente; Miguel Henrique Gonçalves Pereira, comerciante; Armando Pinto Rodrigues, cabo da Marinha; Fernando da Rocha, motorista; Manuel Miranda da Costa, mecânico; José Augusto de Magalhães Barros, funcionário do Banco da Agricultura; e por fim o homenageado, que agradeceu a todos os presentes a homenagem que lhe foi prestada, sendo no fim muito cumprimentado e felicitado por todos os seus amigos.

Ao sr. Alfredo G. Fernandes, desejamos as maiores felicidades a que tem jus.

«A Voz de Melgaço»

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO,

destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Sociedade O nosso reparo!

Fazem anos: amanhã, António Barbeitos da Silva Júnior; no dia 17, D. Aurora Elvira Alves de Moraes, D. Maria José Inácio e Joaquim António Pereira Rodrigues; no dia 18, D. Maria da Conceição Bernardes; no dia 20, prof. Abílio Domingues e Alfredo Domingues; no dia 21, Emídio José de Castro; no dia 22, José Eugénio Gonçalves Pereira Júnior; no dia 23, D. Maria Luísa Inácio e José Manuel Calheiros; no dia 25, Manuel Augusto Pinto; no dia 26, José Manuel Gomes Calheiros; no dia 27, D. Maria de Lourdes Moraes; no dia 28, Armando dos Passos Pereira; no dia 29, D. Clara de Jesus de Sousa Lobato, D. Maria Fernanda Pinto da Silva e Manuel Pinto (Chaviães); no dia 30, D. Maria Joaquina Alves Soares e Armando da Mota Solheiro.

Fala-se por aí na construção urgente dum parque infantil, em Melgaço.

Quem nos dera houvesse por esse Melgaço fora e em todas as aldeias e vila mais alguma coisa de belo, de útil, para as nossas criancinhas.

Mas o problema que agora urge, esse sim, é a implantação do Ciclo Preparatório com a sua sequência: — os trabalhos escolares até ao 5.º ano do liceu.

Dar à gente da nossa terra, aos filhos dos pobres sobretudo, o possibilidade da sua promoção social e cultural, de serem como os outros, em estabelecimentos baratos e à altura. Essa é a primeira grande necessidade. O que faz rico um país é a sua preparação intelectual e moral. Depois, com ela, vem o resto.

Felizes os concelhos dos Arcos Monção e Cerveira, que segundo nos dizem, vão ter, já em Outubro, o funcionamento dessas casas de educação.

A falta que nos faz o Professor Rodrigues!

Assine, Anuncie e Propague
«A Voz de Melgaço,,

Agência de Viagens «RUMO,,

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

Recoveiro Rogério

de MONÇÃO

Recebe encomendas para:

MONÇÃO, MELGAÇO e S. GREGÓRIO

Paragem no PORTO:

RUA DO LOUREIRO, 36 ou RUA DA MADEIRA, 218

Até às 18 horas

Em MONÇÃO:

RUA GENERAL PIMENTA DE CASTRO

Vinho do Porto BARROS

De todos

De todos

mais saboroso

mais preferido

Lágrima Christi BARROS
em França o mais apreciado

Dr. Ismael da Trindade

ADVOCADO

Mudou o seu Escritório
para o Palácio da Justiça

(REGISTO PREDIAL)

TELEF. 52295

MONÇÃO

CONVERSANDO

(À saída da missa)

— Então donde é a vinda, a esta hora, compadre?!
— Fui ver aquela desgraçada da Flávia que, com estes frios que têm vindo, está tolhidinha de todo!

— Oh, coitadinha! Está pobre como Job e, com um rebanho de filhos a sustentar e sem saúde para trabalhar, não sei como há-de ser aquilo!

— O marido fez-lhe muita falta!
— Pois fez, fez, e, se não houver quem lhe acuda, também sou da sua opinião: não sei como aquilo há-de ser!

— Se houvesse gente que pensasse e reflectisse bem no seu dever, apesar de ser muita a miséria, estou convencido de que sempre haveria maneira de socorrer os pobres. Mas quem é que quer hoje pensar nos pobres!

— É que com tanta forma de ganhar dinheiro, como há hoje, já pouco há quem pense nos que são mesmo pobres. Apesar de tudo, ainda há quem dê!

— Pois há! Mas sabes tu quem são os que dão?! Muitas vezes os que dão alguma coisa são aqueles que proporcionalmente menos podem. Há muitos que, a não ser que lhes cacarejem o nome e o donativo em todos os tons, são muito renitentes em cumprir a sua obrigação de dar. Ora eu sempre li no Evangelho que Nosso Senhor quer que a mão esquerda não saiba o que a direita dá aos pobres.

— Ouvi dizer, noutro dia, que S. Nicolau, rei da Boémia, que ia de noite, sôzinho, pelas choupanas dos pobres, fazer caridade. E, como ele, fizeram muitos santos.

— Melhor que isso fazia S. Venceslau, rei da Boémia, que ia de noite, sôzinho, pelas choupanas dos pobres, fazer caridade. E, como ele, fizeram muitos santos.

— Pois sim, mas hoje parece que já não há disso! E muitas vezes faz falta que se saiba quem dá, porque esses animavam os outros, excluindo sempre a vaidade.

— Olha, as obras de misericórdia feitas com mira no louvor ou na recompensa deste mundo, que valor têm?!
— Nenhum! E mesmo os pobresinhos, os fracos, os cegos, não têm que retribuir, e os louvores do mundo, nesse caso, nada valem.

— Mas não é só isso! É que aqueles que fazem o bem, sem olhar a quem, sem tambor nem trombeta, muitas vezes o que lhes acontece é serem ainda mais maltratados e incompreendidos! Ninguém lhes agradece coisa alguma!

— É por isso que alguns desanimam!

— Bom. Também não é caso para isso. Nessa altura, Nosso Senhor também devia desanimar de nos fazer bem, porque Ele todos os dias nos enche de favores e nós só Lhe pagamos com ingratidões. E ninguém há-de querer que os homens sejam para nós mais do que para Nosso Senhor!

— Lá isso é verdade!
— Por isso te digo eu que cada qual vá fazendo o bem que pode, sem se importar com a recompensa e sem contar com agradecimentos de ninguém, antes esperando, como a coisa mais natural do mundo, a ingratidão dos próprios beneficiados. Mas que não seja isso motivo para deixarmos de fazer o bem que em consciência podemos fazer!

— Pois é, compadre! E Nosso Senhor disse bem claro que não deixaria Ele sem recompensa nem que fosse só um copo de água dado por amor d'Ele e o que nos deve importar é a recompensa de Nosso Senhor!

— Pois é, compadre! E Nosso Senhor disse bem claro que não deixaria Ele sem recompensa nem que fosse só um copo de água dado por amor d'Ele e o que nos deve importar é a recompensa de Nosso Senhor!

— Pois é, compadre! E Nosso Senhor disse bem claro que não deixaria Ele sem recompensa nem que fosse só um copo de água dado por amor d'Ele e o que nos deve importar é a recompensa de Nosso Senhor!

De Parada do Monte

Junho, 8

Caminhos — A quem de direito lembramos o estado lastimoso em que se encontram os caminhos da nossa freguesia. Todos os anos a Junta desta freguesia tem mandado avisar para os consertar. Porém este ano tem avisado para alguns caminhos mas para os do Sacramento não avisaram pois tem alguns intransitáveis e quase se não pode passar.

Nascimento — Deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.^a Maria Domingues, esposa do sr. Ermindo Pires, do lugar do Casal.

Partidas — Para França partiram os srs. Armando Vaz Domingues, José Rodrigues, Manuel Vicites, Manuel Pires, Manuel Esteves, José Pires e José Vicites.

O tempo e a agricultura — O tempo corre mal. Quase sempre a chover e nevoeiros. Vai um tempo muito mau para a lavoura. Já é maior a erva que os milhos.

Comunhão — Foi no domingo, dia 6, que se realizou nesta freguesia a primeira comunhão das criancinhas. O sr. Abade foi incansável para as preparar. No fim da missa saiu até ao cruzeiro uma imponente procissão e, ao recolher, o sr. Abade distribuiu uma pequena lembrança a todas as crianças. — C.

De Rouças

Continua a fazer tratamento, para recuperação de movimentos do braço operado, no Hospital de Braga, o sr. João Baptista Vaz, a quem desejamos prontas melhoras.

— Quando se inaugurará oficialmente o nosso cemitério?

Fazer obras e não se entregarem, não está certo. Que falta?

— O tempo corre mal para a agricultura. Vamos ver...

— A Comissão de festas de Santa Marinha está a trabalhar com esmero no bom resultado da mesma. Espera-se que venha a Banda de Ribadavia.

— Soubemos agora, dia 11, que já foi operado, no Porto, o nosso amigo, sr. João Crisóstomo, digno comerciante, da Eira e que tudo correu bem.

Oxalá venha logo para a nossa companhia, com saúde. — C.

De Prado

Partida — Em 9 do corrente seguiram para a cidade do Rio de Janeiro, Estados Unidos do Brasil, Augusto de Sousa Lobato, D. Esperança de Sousa Lobato Trancoso, assinante deste quinzenário e seu ilustre marido José Gonçalves Trancoso, descendentes do saudoso sr. Cláudio de Sousa Lobato, da Casa da Breia, desta freguesia.

Que tenham uma excelente viagem são os ardentes desejos deste correspondente tendo gravado sempre no coração a terra que os viu nascer.

O Tempo e a agricultura — Estes últimos tempos tem estado bastante irregulares, impróprios para esta época. Proporciona-se grande vegetação, própria para criação de animais. Os milhos, os poucos que há, encontram-se presos à terra. Falta de elevação de temperaturas. Há, por vezes, mais frio do que em Janeiro. — M. S.

TORRALTA

A propósito do anúncio Torralta, queremos informar que presta todas as informações em Melgaço o sr. Armando da Mota Solheiro.

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Dr. Luís Domingues

CLINICA MÉDICA

Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º
Tel. 29415 **PORTO**

PELA TERCEIRA VEZ CONSECUTIVA!

— 1969, 1970 e 1971 —

SORTE GRANDE DO S. ANTÓNIO

na

CASA DA SORTE

que distribuiu em 11-6-71 aos seus balcões os

16 MIL CONTOS - 24154

e ainda o

2.º PRÉMIO - 1600 CONTOS - 2735

Na próxima 5.ª-feira, às 12 horas:

LOTARIA DO SÃO JOÃO

6 MIL CONTOS

por 480\$00

500 contos apenas por 40\$00

À venda na

CASA DA SORTE

A Casa afortunada onde há sorte e prémios para todos

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida em Melgaço pelo sr. Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Carro de Aluguer

Crysler GE-33-95 — 6 lugares

AUTO TAXI

ZECA DA PUREZA, L.P.A

de José António de Araújo

Carro próprio para casamentos, baptizados e todos os serviços comerciais e turismo no País e legalizado para o estrangeiro.

Residência:

Bouça Nova-PRADO-Tel. 42390

Estacionamento permanente Cruzamento da Loja Nova

MELGAÇO

Felicitemos vivamente o amigo Zeca da Pureza, pelo seu belo carro agora adquirido, com que a praça de Melgaço fica mais valorizada.

O carro fala por ele. Pelo proprietário, falam as suas belas qualidades de atenção e gentileza.

Muitas felicidades.

José Augusto Domingues

No próximo dia 25 de Junho, completa-se mais um ano, o quarto, sobre o passamento de um Homem que tanto honrou a nossa terra, no Brasil, o sr. José Augusto Domingues, de Prado.

Foi uma grande lição para todos nós do que pode realizar um bom coração de melgacense!

Socorreu generosamente muitas obras de caridade do Brasil e para elas trabalhou com o seu esforço físico e intelectual.

O seu coração e o seu dinheiro não passaram por aí como inúteis. A sua lição foi grande, como o atestado junto do corpo do ilustre extinto, no cemitério, o Director dum diário do Brasil e na presença de muitos amigos, entre eles, o Director do Banco Predial de Niteroi, Comendador Tomás Lima.

A sua ilustre filha, sr.^a Professora D. Palmira de Jesus Domingues e demais família, a nossa saudosa recordação junto de Deus.

MANCOZAN

Pó molhável micronizado e azul, ideal para as suas «sulfatações». Está dando, como de costume, os melhores resultados. Verifique qualquer vinha «sulfatada» com este produto, e tirará esta conclusão: defesa segura, contra o míldio e maior produção.

Agente distribuidor:

Miguel H. G. Pereira

Rua da Calçada

Telef. 42212

MELGAÇO

BRASILEIRA DO PORTO

CAFÉS

61. RUA SÁ DA BANDEIRA, 91 * PORTO

O Santo da Quinzena

(Continuação da 1.ª página)

tudo o que o coração de um homem do mundo pode desejar: riqueza, relações vantajosíssimas, amigos poderosos, a graça do imperador, posição elevadíssima e, não obstante, uma coisa lhe faltava: a paz da alma. As insistências de S. Ambrósio de Milão, de S. Martinho de Turs, de Delfim de Bordeus e aos rogos da santa esposa, resolveu receber o santo baptismo.

Com a recepção deste Sacramento, operou-se em Paulino uma transformação completa. Desceu das alturas da posição, deu grande parte da fortuna aos pobres, aos doentes e a igrejas, e retirou-se a uma vivenda na Espanha. Lá viveu com sua querida esposa e a felicidade tornou-se-lhe completa. Quando esta lhe deu um filho, Deus quis atrai-lo todo a si. Exigiu-lhe o sacrificio do primogénito; os amigos, não se conformando com o seu retraimento, afastaram-se e abandonaram-no; os parentes envergonhados, objurgaram-no por ter desmerecido a nobreza da família. A tudo Paulino tinha uma só resposta: «Se eu agradasse aos homens, não poderia ser servo de Cristo», e, sendo caluniado, dizia: «O bemaventurado vergonha de, com Cristo, desagradar ao mundo!»

De volta para Gália, perdeu a vista, que lhe foi restituída por intermédio de S. Martinho, Bispo de Turs.

Para fugir totalmente às honras e elogios do mundo e também aos amigos, resolveu fixar residência em Nola. Quando morreu o Bispo dessa terra, sacerdotes e povo manifestaram o desejo de ter Paulino por sucessor. Este se opôs, quanto pôde, à aceitação da dignidade episcopal, porém, teve que aceitar.

Como Bispo, Paulino foi verdadeiro pai e pastor e principalmente grande amigo da pobreza e dos pobres. Quando um dia um pobre lhe estava a pedir pão, um empregado lho negou, por haver só um pão em casa. Pela tarde do meio dia, veio a noticia que, de nove navios que eram esperados, e que traziam mantimentos, destinados aos necessitados da Diocese, um se tinha afundado. «Vês agora», disse então o santo Bispo ao empregado, «negaste o pão ao pobre e Deus fez que o navio se perdesse».

Paulino era incansável como pregador, escritor e poeta, e nada poupou para implantar nos corações dos diocesanos um grande amor ao Santíssimo Sacramento.

Paulino morreu aos 22 de Junho de 431, na idade de 78 anos. A Igreja chorava, o povo soluçava, provincias inteiras lamentavam a perda do santo Bispo. «Bemaventurado o homem que não vive para si, cuja vida é para todos».

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Os Passaportes dos Padres

(Continuação da 1.ª página)

à realidade do facto, Sua Ex.ª confirmou, embora por via particular, tornada pública pelo autor da mesma, a veracidade do que eu escrevera.

O Governador Civil de Viana, também por via particular, declarou que nunca pedira licença para o passaporte dos padres.

De facto, são os funcionários que a pedem... o que está de acordo com o que escrevi no meu artigo.

Convém, no entanto, juntar o seguinte apontamento: se a «informação do Paço» é a respeito do padre, como tal, — e não pode ser outra — o Governo Civil não a aceita, sem desrespeito à Constituição Política, visto que não há classes. Há, apenas, o cidadão, e este depende, exclusivamente, do poder civil.

Se a «informação do Paço» é a respeito do «cidadão» então é indevida e duplamente abusiva.

* * *

Apareceu, no meio da concordância geral com o meu artigo, uma dissonância: a de «O Vilaverdense», quinzenário, propriedade da Confraria de N. Senhora do Alívio, Vila Verde.

Desde o número 14 de Fevereiro até ao dia 8 de Maio, em quase todos, apareceu «Aliquis» a tentar esclarecer o facto que eu apontara à luz da doutrina sobre «Liberdade Religiosa» do Vaticano II.

Convém registar que «Aliquis», convidado a identificar-se, preferiu manter o pseudónimo... Apesar deste procedimento, «Aliquis» acabou por reconhecer a verdade do que eu escrevera, fazendo-o com este desembaraço no próprio «O Vilaverdense»: «O redactor principal do nosso jornal, que é padre, recusou-se a pedir a licença do seu Bispo».

Impõe-se uma única conclusão: o problema que levantáramos para ser estudado à luz do Vaticano II e do projecto de Lei sobre «Liberdade Religiosa», da autoria do Governo, teve o aplauso dos órgãos de informação, incluindo aquele que pretendia discordar...

«Aliquis», porém, antes de chegar à verdade, escreveu insultos, cometeu incongruências, e, sobretudo, foi anti-evangélico ao referir-se a um Homem, que em Braga foi *Alguém*: «Lembra-nos, assim escreveu «Aliquis», um outro vermelho da Diocese que assim procedeu — atirar pedras ao seu Bispo, à disciplina e instituições eclesiásticas!... — e acabou apóstata miseravelmente no Brasil».

O Cardeal Heenan, inglês, quando o padre Dawis, que foi perito Conciliar, abandonou a Igreja Católica, pediu que o confiassem às orações, visto que o passo dado pelo teólogo pertencia à consciência do mesmo teólogo...

Espantou-nos a descuridade e a demagogia do que se escreveu, mas não me espantou, menos, que os insultos se escrevessem em vários números, e que a Mesa da Confraria de N. S.ª do Alívio, tendo um delegado do Prelado da Diocese o sancionasse, até ao presente, com o seu silêncio...

Como há-de o mundo de hoje acreditar na nossa missão com factos anti-evangélicos como os apontados?...

* * *

«Aliquis» pretendeu justificar a sua atitude. De que maneira? Dizendo que os que falaram dos «passaportes dos padres» queriam atacar o Prelado da Diocese.

Quando se apontam factos só estes contam. Mas quem atacou o Prelado da Diocese? Afirmá-lo, é não saber ler o que escrevemos.

Este problema levantou-o «Aliquis». Cabe-lhe, pois, toda a responsabilidade.

Mas como pode «O Vilaverdense» defender o Prelado, que ninguém atacou?

Não compreendo que tentasse uma defesa, que não estava em causa, um jornal, cujo o actual Director foi condenado em Tribunal Plenário por crimes de abuso de liberdade de imprensa. No Acórdão que o condenou lê-se: «Que ao publicar este escrito o réu agiu com a intenção de atingir os assistentes na sua honra, consideração e reputação».

E não compreendemos que números de «O Vilaverdense» com a defesa, que não estava em causa, fossem divulgados a quem não era assinante, por um «sr. p.º Diogo», que, se é rev.º padre Manuel Gonçalves Diogo, foi condenado, em tribunal eclesiástico, como difamador, em sentença de 25 de Dezembro de 1950, sentença que em «questão de direito» põe assim a gravidade da ofensa:

- a) «Houve uma ou várias frases infamatórias e caluniosas»;
- b) «Houve intenção de caluniar ou pelo menos, de desprestigiar a parte lesada»;
- c) «Houve delicto verdadeiro»;
- d) «Houve delicto público».

É isto que não consigo compreender: que um Director, condenado em tribunal civil, e um distribuidor, condenado no tribunal eclesiástico, venham «defender» o Prelado, que não foi atacado...

* * *

Diga-se em abono da verdade: os dois — «Aliquis» e o distribuidor — não estiveram sós: o Secretário Geral do Governo Civil de Braga — Eugénio Bacelar Ferreira — prestou-lhes ajuda. Ajuda boa, pois ficamos a saber que não é só Deus quem conhece as intenções dos homens. Um «cristão» do nosso tempo, talvez por humildade, também conhece as intenções dos homens... É o Secretário Geral do Governo Civil de Braga.

À sua carta (?) respondemos, ao abrigo da Lei da Imprensa, resposta que ainda não publicaram (?).

A resposta é esta:

«De harmonia com o Decreto n.º 12.008 queira V. Ex.ª inserir no seu jornal o seguinte:

«Não tencionava voltar ao seu jornal por causa da «Licença do Bispo» exigida em alguns Governos Civis — eu só conhecia os de Braga e Viana — para a concessão dos passaportes aos padres, visto que o Governador Civil de Viana não desmente os factos, e o Secretário do Governo Civil de Braga o confirma nestes termos bem claros, sendo nossos os sublinhados: «Quanto à exigência de informação favorável, do Paço, para a concessão de passaporte de «turismo» para sacerdotes e Religiosos, posso dizer a V. Ex.ª que, quando tomei posse deste cargo, de Secretário do Governo Civil, já ela existia, no Governo Civil de Braga. Nessa altura (e já lá vão quase 13 anos e meio, pois foi empossado em 31 de Outubro de 1957) estranhei essa exigência, por não conhecer, na Lei, nada que a tal se referisse expressamente».

Apesar desta afirmação concordante com o que eu escrevi, e de se tratar, apenas, de factos, apreciados por mim à luz do Vaticano II, o subscritor da carta, Eugénio Bacelar Ferreira, afirmando-se cristão, atingiu a minha dignidade de homem e de padre, difamando-me publicamente, sem provas.

Vê, o autor da carta, «intenção bem evidente de magoar o Prelado da nossa Arquidiocese»; vai rezar pelo padre para que compreenda «melhor os deveres do seu estado sublime»; e classifica-me de orgulhoso.

Tratando-se de opinião subjectiva e pessoal, sem provas, julgo que Eugénio Bacelar Ferreira — é assim que assina — caiu sob a alçada da Lei Penal por difamação.

E o «cristão»?

O «cristão» desconhece o Evangelho!

- Cristo nunca condenou os pecadores, que o eram, em público;
- Cristo nunca lançou o pecador, que o era, à infamação do público;
- Cristo nunca difamou.

Tal atitude de Eugénio Bacelar Ferreira é anti-humana e anti-cristã, pelo que a sua oração não é perfeita: falta-lhe a qualidade essencial.

A qualidade essencial da oração autêntica é esta: que se faça a vontade de Deus.

Ora Eugénio Bacelar Ferreira reza para que se faça a vontade dele que, pela redacção da carta, é infamante e injuriosa.

Repudio, pois, as intenções que Eugénio Bacelar Ferreira me atribui; e espero viva o cristianismo autêntico, que a carta insere em «O Vilaverdense», de 18 de Abril corrente ainda não deixa antever, pois lhe falta o amor à verdade, à justiça, à caridade, e, sobretudo, o respeito sagrado pela boa reputação daquele a quem pretende atingir, esquecido, talvez, desta sentença de Camilo Castelo Branco: «O orgulho que quer humilhar é vil; o orgulho que não quer deixar-se humilhar é nobre».

Esta foi a resposta ao «cristão» humilde e apóstólico... Não quis responder ao funcionário, pois me parecia que iria pôr a descoberto a infantilidade de uma argumentação, aliás facciosa.

Faço-o, agora, pois julgo ser meu dever registar um processo que foi levantado contra mim, sem fundamento real da minha parte e porque é útil para a história local.

O Secretário Geral do Governo Civil de Braga faz as seguintes afirmações na carta inserta em «O Vilaverdense» a que já aludimos:

- «Que a exigência da «informação» do Paço talvez se filiasse no desejo por parte do Governador Civil, de libertar os clérigos da humilhação e das delongas de «inquiritos»;
- «É muito crível que o Governador Civil (...) tivesse tomado a iniciativa de acordar com o Prelado de então (...) que não concederia passaporte de «turismo» a Sacerdotes seculares sem uma favorável informação do Paço»;
- «Daqui, que não possa nunca invocar-se a existência de um direito ao passaporte».

A minha resposta é muito singela:

- Responde o Secretário do Governo Civil de Braga, embora por via particular, a factos com hipóteses, e sobre elas acusa-me com oarisma da adivinhação!...
- Lança a primeira hipótese — «mas que talvez se filiasse» — sobre o desejo de evitar a humilhação e as delongas.

Mas como pode um funcionário público falar de «humilhação» de que liberta o padre? E os demais não têm o mesmo direito? Que lei justifica tal privilégio?

A segunda hipótese — «é muito crível que o Governador Civil tivesse tomado a iniciativa de acordar com o Prelado de então»... — fundamenta-a sobre cadáveres: — Nery Teixeira ou outro anterior e o Sr. D. António — que já não podem falar senão com o silêncio da morte...

Finalmente afirma: «Daqui, que não possa nunca invocar-se a existência de um direito ao passaporte».

É espantosa a afirmação de um homem cristão e formado

